

PAULO DARZÉ - Galerista

Galerista, proprietário da Paulo Darzé Galeria de Arte, espaço voltado exclusivamente para arte contemporânea baiana e brasileira.

1. Quem é Paulo Darzé?

Paulo Darzé é um cidadão baiano que ama essa terra e gosta de artes plásticas. Eu sou muito simples.

2. O que você entende como cultura?

Cultura é tudo. O homem não tem como viver sem cultura, literatura, artes plásticas, música, filosofia, tudo. Um homem que não tem cultura, que não está próximo da cultura é uma pessoa alienada. Hoje, mesmo com tantas informações na internet, de todos os veículos, temos que ler, ter cultura.

3. Conte-nos um pouco da sua trajetória profissional, formação e caminhada até o galerista Paulo Darzé.

Minha trajetória é a seguinte. Não cheguei a me formar em ciências contábeis. Vi que não era a minha praia. Sou filho de libaneses, o comércio está no sangue. No último semestre, achei que iria perder tempo, abandonei a faculdade e fui trabalhar com meu pai que tinha uma loja de móveis. Com o passar dos anos, eu vi que aquilo estava me atrofiando e eu não queria. Mas a loja de móveis me ajudou muito, porque tive contato com muitos artistas que me procuravam para fazer rolo de quadros de obras de arte e móveis. E fui, do que era do meu salário, trocando por quadros, formando um pequeno acervo, uma coisa assim inexpressiva. Foi quando, conheci uma figura chamada Luis Caetano Queiroz, um galerista muito importante no Rio de Janeiro, que estava em decadência quando veio para Bahia. Ele foi dono de uma das galerias mais importantes do período, chamada Galeria da Praça, e veio se estabelecer aqui na Bahia fazendo leilões. Quando ele veio fazer os leilões, esses quadros que eu vinha acumulando, coloquei no leilão, aí tomei gosto. Depois disso, ele me convidou para abrir uma galeria no Salvador Praia Hotel. Lá já havia uma galeria, mas que estava com problemas financeiros, chamada Cátia Galeria de Arte, então comprei a galeria juntamente com ele. Deixei de trabalhar com meu pai para tentar minha carreira sozinho. Depois de seis meses de funcionamento, comprei a parte de Luis Caetano porque tínhamos olhares diferentes. Meu olhar era mais arrojado e o dele mais conservador. Depois que saí da sociedade, porque ele só fazia exposições de artistas convencionais, clássicos, paisagens, figuras humanas, eu parti para uma coisa mais arrojada. Comecei a fazer exposições dos grandes nomes brasileiros – Siron Franco, Iberê Camargo, esses nomes que hoje são os ícones da pintura brasileira. Iberê foi considerado o artista mais importante do século passado. Isso tudo com a grana curtíssima, muita conversa e seriedade, expondo meu olhar.

4. Qual a importância e como surgiu a Paulo Darzé Galeria de Arte?

Uma galeria tem que ter sua função comercial - sem o comércio o artista não sobrevive - e tem que mostrar o que está sendo produzido de melhor no universo das artes plásticas, mostrando tanto artistas emergentes como consagrados, o que estão pensando e fazendo. O meu perfil foi sempre o de trazer grandes nomes para a Bahia. Trouxe Iberê Camargo, Fukushima, Antonio Dias, Nelson Lerner, os artistas mais importantes da arte contemporânea e alguns modernistas. Temos que mostrar o que está sendo produzido até mesmo para dar aos artistas jovens um direcionamento. O primeiro nome da galeria foi Escritório de Arte da Bahia, porque eu tinha a parceria. Depois de um tempo, eu tive a coragem de assumir o meu nome. Quando você coloca o seu nome, assume a responsabilidade do que está mostrando e vendendo. No mercado de arte hoje, ninguém compra para decorar. Comprador pensa no amanhã, num bem que ele pode se desfazer depois. É um investimento. Você tem que assumir uma responsabilidade. O perfil da galeria é contemporâneo, as últimas exposições, dos últimos 20 anos, foram com esse perfil. Mesmo o Iberê, um artista de formação moderna, era mais contemporâneo. Ele evoluiu com o tempo, de um acadêmico modernista para um contemporâneo. Ainda assim, a galeria está aberta para tudo, tendo qualidade.

5. Quais as principais mudanças do início até hoje e o que a galeria significa para os artistas?

O que mudou? O tamanho. Meu primeiro espaço era 40 m². Lá no Salvador Praia Hotel mesmo, quando eu comecei, dobrou. Quando saí de lá foi um caos, achei que o mundo ia acabar, tive que entregar o imóvel. Fui, então, para a Rua São Pedro, na Graça. Já era uma casa, considerada uma das melhores galerias. Era amplo, foi ótimo. De lá para cá, tive a necessidade de crescer porque os artistas que eu trabalho também cresceram no tamanho das telas e também precisei modernizar o prédio. Foi quando vim me instalar aqui (Corredor da Vitória – Salvador/BA), onde já tenho quase oito anos. As instalações são consideradas pelos artistas muito boas. A galeria representa mostrar com dignidade a obra da produção de um artista. Você tem que ter a ousadia de mostrar grandes nomes misturados com nomes que não são conhecidos, mas que tem a qualidade, que futuramente podem se tornar grandes nomes e com um material digno. Quando eu falo de exposição, tem que ter um bom catálogo, uma boa divulgação, tem que saber arrumar a galeria direito e recomendar a uma clientela um artista que você tenha a convicção que vai vingar. Ninguém sabe o dia de amanhã, de repente surge um artista maravilhoso e, de repente, muda a cabeça, para de produzir, tem uma depressão, isso acontece muito, mas a galeria tem que assumir isso. É importante você dar a saída e ter um retorno, garantir ao cliente o que você está oferecendo.

6. Como você caracteriza o mercado da arte na Bahia e no Brasil e qual o perfil do seu consumidor?

O perfil do consumidor é rico. Você não pode comercializar um quadro de 20, 30, 100, 200 mil e dizer que o cara é um apaixonado. Apaixonado não paga conta. O perfil é esse, o mercado

de arte no Brasil é muito bom, na Bahia é razoável. O grande problema daqui ainda é aceitar a arte contemporânea, o baiano é ainda muito conservador. Isso é o que atrapalha um pouco e a gente ainda tem que recorrer a vendas para fora. Meu sonho era vender só aqui para Bahia, isso não acontece. De quando eu comecei para cá isso mudou muito. Essas viagens para o exterior, a facilidade de viajar abriu a cabeça das pessoas. Há anos atrás não existiam museus de arte contemporânea, hoje 90% dos museus mais badalados são de arte contemporânea. Tem o museu de Londres, New Tate Gallery, o de Barcelona, enfim, no mundo inteiro, o Museum of Modern Art (MoMA). Isso abriu muito a cabeça das pessoas com a necessidade de enxergar, de adquirir esse tipo de coisa. Fotografia, há 20 anos ninguém pensava em fotografia. Fotografia em cerâmica era considerada arte menor. Quando eu procurei Mario Cravo Neto para trabalhar com ele, ele disse: "Você vai perder tempo aqui na Bahia. Ninguém compra fotografia aqui. O clima é úmido". Até nisso a profissionalização facilitou, os materiais, as formas de conservação, isso mudou muito. Ninguém comprava desenho aqui. Hoje existem materiais que você emoldura uma foto ou um desenho e leva anos sem ter problemas. Papeis antiácidos com lacramento mais especializado, tudo isso vai evoluindo com o tempo e facilitando seu trabalho.

7. Como você vê a produção atual no Estado? Que espaços os artistas baianos ocupam hoje no cenário das artes visuais?

Hoje está complicado porque nossos museus saíram do roteiro nacional. A Bahia estava totalmente inserida no roteiro de grandes exposições. Se você pegar da gestão de Heitor Reis para cá, depois que ele saiu foi minguando, minguando, não sei se foi por causa do olhar e da prioridade do governo do PT, que olha artes plásticas como segundo, terceiro ou quarto plano, então se complicou. A extinção do Salão de Arte da Bahia, um salão importantíssimo, complica nossa vida. Com relação à produção, existem artistas maravilhosos aqui, Caetano Dias, Paulo Pereira, Vauluizo Bezerra, Marepe. O Marepe já expôs nos museus mais importantes do mundo. A produção hoje é muito boa. O grande problema é que eles precisam sair daqui para ser gente grande lá fora. Eles produzem aqui, mas o mercado não absorve. Meus principais clientes são de fora.

8. Quais os principais eventos de artes visuais hoje e qual a sua importância?

Os eventos mais importantes são as feiras de fora, de São Paulo, Rio de Janeiro. As instituições foi o que eu falei. O Museu de Arte da Bahia saiu do roteiro nacional. Acontecem exposições importantíssimas, Botero, Modigliani, todas essas estão acontecendo fora da Bahia, não vêm mais para cá. A Caixa Cultural faz alguma coisa, os Correios também, mas baixou a bola. Quando tem uma itinerância, essas exposições já vêm todas prontas, é só o transporte. Não sei o que está acontecendo que não conseguem mais vir para cá. Esse é o grande buraco que a gente está cavando. Para retomar isso é muito difícil. O Museu Rodin aqui está fazendo basicamente artistas locais. Os artistas locais a gente tem que mandar para fora, mostrar lá, porque aqui todo mundo já conhece. Todo mundo aqui já sabe quem é Bel Borba.

Um artista maravilhoso, a última exposição dele foi fantástica, mas é uma exposição que deveria ter ido para fora para que se visse o que a gente está produzindo aqui. Mas não... A gente só mostra aqui para aqui morrer. Esse ano é importante, Jorge Amado, qual foi a exposição importante que teve sobre o centenário de Jorge Amado? Até agora nada. Porque não tem incentivo do governo, não tem verba. Esses anos todos que a gente sobreviveu, eu tive que bancar todos os meus custos de capital, trazer cliente, obra e ainda pagando imposto e sozinho porque nunca tive patrocínio de nada. Depois de certo tempo você fica gato escaldado e não procura mais, porque você não vai malhar em ferro frio.

9. Como você avalia as políticas culturais na Bahia, tanto no âmbito público quanto no privado?

No privado não existe e no público é uma lástima. Não existe. A Odebrecht tem um prêmio que é um livro, o Clarival do Prado Valadares. É muito pouco para uma empresa tão grande. Um livro porque é Lei Rouanet. Eles não vão patrocinar nada, quem vai patrocinar é o abatimento no imposto que iria ser recolhido. Não é possível que exista no Rio Grande do Sul um Museu maravilhoso como a Fundação Ibero Camargo e a Bahia não tenha nada. Quais são os artistas importantes do Rio Grande do Sul? Só o Ibero Camargo. Aqui na Bahia temos quantos artistas importantes a nível nacional? Não poderia ser feito um Museu? O governo poderia construir um belíssimo museu. Estimular o turismo. No entanto, vai e faz um Museu Rodin. Para que um Museu Rodin na Bahia? Quer ver Rodin vá para Paris ver Rodin. Porque não um Museu Presciliano Silva então? Um Museu Caribé? Faz-se um Museu Rodin, uma fortuna por mês para nada.. É um artista que teve centenas de seguidores, mas foi outro tempo. Estamos no século 21, Rodin foi no século 18.

10. Qual a importância da interiorização e descentralização na área da cultura?

É muito importante. Marepe mesmo é de Santo Antônio de Jesus e começou nessas Bienais do Recôncavo. Tem aparecido muita gente boa. Ainda não decolaram como Marepe, mas isso veremos depois. Essas Bienais do interior são importantes. Muita gente passou por lá e ainda vai aparecer. No entanto, deveria haver mais verba para isso – termos melhores instalações, alojamento para esses artistas que se deslocam de um lugar para o outro. Até a oficina do Museu de Arte da Bahia aqui foi fechada por causa de verba.

11. Como você avalia os espaços culturais na Bahia? Quais as principais carências nesse sentido?

Aqui em Salvador existem alguns espaços interessantes que precisam ser mais explorados com exposições que atraiam mais o público. Quando o brasileiro viaja para o exterior, o primeiro roteiro dele é para os museus e porque o estrangeiro quando vem aqui não tem opção? O Museu de Arte da Bahia, que fala da história da arte baiana tem anos que não tem uma aquisição. Quer dizer, você vai uma vez e não tem nenhum atrativo para voltar. Qual a exposição que está tendo no Museu de Arte Moderna? Ninguém sabe.

12. Qual a sua avaliação sobre a gestão cultural na Bahia em relação a outros estados?

Falta verba, incentivo, espaço, falta tanta coisa que parece que eu sou uma pessoa que só estou aqui me lamuriando. Vivo disso muito bem e consigo fazer minhas coisas, mas falta tudo.

13. Em sua opinião, mudou alguma coisa na gestão de Jaques Wagner?

Sáimos totalmente do roteiro. Até o ano retrasado tinha o Daniel Rangel, que era o diretor de museus do IPAC e andou trazendo exposições importantes para a parte contemporânea do Palacete das Artes. De lá pra cá, quando ele saiu, até porque não tinha verba para ele continuar com o projeto, minguiu completamente. Nada mais foi feito aqui de importante. A última exposição importante foi de Rubem Valentim com o acervo dos colecionadores da Bahia e nenhuma exposição de cunho nacional, que acontece em São Paulo, Rio, Minas, acontece aqui. Não acontece nada. Não sei se é por falta de competência das pessoas que gerenciam isso, mas eu creio mais que seja por falta de verba. É sempre a mesma reclamação. O telhado do museu aqui [Museu de Arte da Bahia] estava com problema, etc, quer dizer, é difícil.

14. Como você percebe a questão da profissionalização e quais as principais necessidades do mercado baiano hoje?

Os artistas faziam uma produção e saiam espalhando pelas galerias, hoje isso acabou. Cada artista tem seu galerista e é fiel ao seu galerista e vice-versa. Então isso mudou muito. Não só nas artes plásticas deve ser assim, todo cantor, ator, tem seu empresário. Nesse aspecto houve uma evolução muito grande porque o mercado precisa disso. Imagine se você espalha um artista em diversos pontos de venda e acaba acontecendo um leilão inverso. Isso não ocorre mais. Os artistas se profissionalizaram, as galerias também. Precisam surgir mais galerias que promovam exposições porque elas praticamente sumiram. Tem que existir uma diversificação e as galerias tem que abrir espaço para os artistas daqui e de fora também. Para existir essa troca de informação, de linguagem, de produção. No interior do estado não tem uma galeria que faça exposições. Ter loja que vende arte é diferente. Como uma galeria você tem que promover o artista, promover eventos e enviá-lo para fora, fazer o intercâmbio com outros estados.

15. Qual a importância da crítica na área cultural? Como você avalia isso?

Essa é outra questão. Não tem mais um crítico de arte na Bahia. Só Cesar Romero que tem uma coluna no jornal, mas não temos mais a figura do crítico como tínhamos Wilson Rocha e Carlos Eduardo da Rocha. Quer dizer, se eu quiser fazer um texto de apresentação crítica, eu tenho que recorrer a outros estados porque aqui a gente não tem ninguém que escreva. Eu não posso mais recorrer a Cesar, porque ele já escreveu para todo mundo e é complicado. Então essa é a carência daqui. Também não tem uma coluna nos jornais que abra espaço para um crítico comentar sobre uma exposição, seja aqui, seja num museu. A figura do crítico na Bahia se extinguiu, não tem mais ninguém.

16. Com a internet, quais as principais mudanças no que se refere às formas de produção e consumo em artes visuais?

Com a internet todo mundo sabe o que todo mundo está fazendo, o artista sabe o que está sendo feito fora, quais técnicas estão sendo empregadas e as galerias sabem quais são as tendências. Hoje, entro na internet e sei quais são os artistas de qualquer galeria de Londres, Paris, São Paulo, Porto Alegre, Natal, de todos os lugares. Inclusive, com base nisso, eu até acho que em termos de produção a gente está ficando para trás também, porque Recife já tem uma enorme gama de artistas com projeção nacional. Aqui a gente está cada dia mais para trás por causa da política do governo. Na produção, a internet interfere muito porque a pesquisa é imediata, principalmente no campo da fotografia. Na época que comecei não tinha internet, então eu viajava muito para São Paulo e Rio, para saber o que estava acontecendo. Quando tive vontade de abrir a galeria o que me encantou foram os leilões. Comecei fazendo leilões e depois comecei a viajar para ir procurar novos artistas com a produção mais contemporânea. Depois disso, que começou essa troca de informações entre galerias. Antigamente, para mandar um quadro para fora tinha que fotografar, revelar e mandar, hoje você em dois segundos já fotografou e mandou. Hoje é fácil trocar figurinhas. Você tem a internet, você pesquisa. Ela influi tanto no comerciante como na produção do artista.

17. Quais são suas principais atividades hoje?

Nós temos exposições, acervo próprio e a venda. Às vezes fazemos consignação com pessoas que querem se desfazer de algum bem. Atividades normais de uma galeria de comércio.

18. Como é feita a principal divulgação de vocês?

Quando a gente faz exposição tem a divulgação via internet, blogs, Facebook, também, veículos como televisão, rádio, jornal. A confecção de catálogos que mandamos para os clientes. Isso é muito importante, porque quando você manda para um blog aquilo é momentâneo. Saiu dali, acabou. Já o catálogo é para a vida toda. É um registro.

***Entrevista realizada por Ana Luisa Hiltner e Ana Carolina Alves, dia 24 de abril de 2012, na Paulo Darzé Galeria de Arte, em Salvador.**